

TROMBETAS, CLARINS, PISTÕES E CORNETAS NO SÉCULO XIX E AS FONTES PARA HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS DE SOPRO NO BRASIL

Fernando Binder
F_Binder@Uol.Com.Br
Paulo Castagna
Brspvg@Uol.Com.Br
Instituto De Artes Da UNESP

Resumo

Nosso estudo parte de um problema bastante comum em estudos e edições de música brasileira feitas com fontes do século XIX, que consideram pistom e trompete o mesmo instrumento. No entanto, o estudo organológico demonstra que o instrumento descrito naquelas fontes como pistom não pode ser automaticamente descrito de trompete, como hoje é hábito. Mostraremos que a origem deste problema está ligada à importação de instrumentos musicais da Europa, para tanto utilizaremos as seguintes fontes: pautas da alfândega imperial, iconografia musical, catálogos comerciais de lojas de instrumentos musicais, dicionários antigos, além de manuscritos musicais.

Palavras-chaves: pistom, trompete, comércio de instrumentos de música no século XIX

Abstract

Our study addresses a common problem found in publications and editions of Brazilian music stemming from 19th Century sources, which frequently consider the cornet and the trumpet to be the exact same instrument. However, research in organology reveals that the cornet should not be so readily exchanged for the trumpet in these sources, and is the custom nowadays. We will show that this problem originates in the importation of musical instruments from Europe, using the following resources: importation lists from the Imperial customs; musical iconography; commercial catalogues from musical instrument stores; old dictionaries and musical manuscripts.

Introdução

Um problema comum para a arquivologia musical no Brasil é a nomenclatura dos instrumentos de metal, principalmente à medida que as fontes musicais avançam pela segun-

da metade do século XIX. O catálogo do acervo do Museu Carlos Gomes é particularmente interessante como exemplo, pois além de seu repertório estar bem localizado neste século, inclui peças de banda normalmente deixadas de lado neste tipo de trabalho. Das 36 abreviaturas apresentadas, quase um terço, onze, são para instrumentos de metal (NOGUEIRA, 1997:414-415), sendo que alguns verbetes apresentam a indicação dos instrumentos de metal por extenso e sem a respectiva abreviatura ao final.

Um equívoco muito comum na nomenclatura dos metais é considerar que, em fontes musicais do século XIX, pistom e trompete sejam sinônimos, como aconteceu no catálogo do Acervo Vespasiano Gregório do Santos (PONTES: 1999). Nesta comunicação mostraremos a grande variedade de termos existentes para estes dois instrumentos, que se originou da importação dos instrumentos de música, o que exige atenção do pesquisador ao abordar tais fontes.

Fundamentação teórica

A organologia estuda os instrumentos musicais; sua prática moderna desenvolveu-se na segunda metade do século XIX, embora tal estudo seja muito anterior a isto, e estava ligada à descrição e classificação sistemática das coleções de instrumentos musicais que se formavam nos museus da Europa e Estados Unidos. Ainda assim, em 1914, Hornbostel e Sachs já afirmavam que o “arranjo sistemático e uma terminologia adequada é urgentemente necessária, no entanto, não apenas às coleções de material, mas também para o seu estudo e interpretação” (1961: 3-4). Atualmente seus estudos são mais interpretativos, assim Henrique considera objetivos da disciplina estudar os instrumentos musicais do ponto de vista acústico, mecânico e histórico, abordando também a análise teórica das técnicas de execução. (1999: 15). Libin inclui entre os objetivos tentar “elucidar o complexo, sempre mutável relacionamento entre o estilo musical, práticas performáticas e evolução dos instrumentos ao redor do mundo.” (2001: p. inum)

Segunda o modelo de Hornbostel e Sachs, classificam-se como trompetes os instrumentos cujo som é produzido por “uma corrente de ar passa através dos lábios do executante, dando passagem intermitente à coluna de ar que é para ser posta em vibração” (1961: 27). Tal categoria ainda é subdividida em outras duas: a dos trompetes naturais e a dos

trompetes cromáticos,¹ cada uma delas sendo igualmente subdivida em vários outros grupos e subgrupos. Já Henrique divide os instrumentos de metal de acordo com o perfil do tubo e o bocal² (1999: 315-316). Uma terceira corrente leva em consideração além do perfil do tubo e do bocal, o calibre e o comprimento do tubo e a profundidade do bocal (CARSE, 1965: 4-7). Em qualquer destas três classificações, trompete e pistom não se encontram na mesma categoria.

O trompete em uso no início século XIX não era mais o instrumento barroco europeu, mas sim o modelo desenvolvido durante o classicismo, para o qual o tubo e o bocal foram encurtados e cujas tonalidades mais comuns eram as de fá e sol (TARR, 1997: 98-100). Ele ainda era das válvulas que hoje lhe são características e, como a trompa, utilizava tubos complementares para modificar o tamanho do instrumento e sua afinação básica, que ficaram conhecidos em português como voltas ou roscas. Além das válvulas outros métodos foram usados para possibilitar ao instrumento a execução de escalas cromáticas, entre eles as chaves (semelhantes às das flautas e clarinetes), *hand-stopping* e varas telescópicas. As válvulas³ foram primeiramente adaptadas ao trompete em 1826 e conviveram com voltas e roscas por um longo período. A transição do trompete em fá para o instrumento moderno em dó ou si bemol, cujo tubo ficou ainda menor, começou na Alemanha, por volta de 1850 e em torno de 1890 já estava consolidada (TARR, 1980: 222).

Não há certeza se o pistom é uma invenção alemã ou francesa, embora sua primeira exibição tenha ocorrido na França em 1825 (BAINES, MYERS, 2001: p.inum). Sua aparição teve muito sucesso devido à velocidade e flexibilidade em sua execução, impossíveis em outros instrumentos de metal da época como o trompete e a trompa (idem, ibidem). Seu tubo é menor que o do trompete e predominantemente cônico. No século XIX seu bocal era similar ao usado nas trompas, em formato de funil, o que lhe dava um som mais redondo e aveludado. Atualmente seu bocal é similar ao utilizado nos trompetes em forma de taça. Foi primeiramente usado em concertos a solo e nas orquestras de música de salão, mas logo adotado também em orquestras de ópera e em música sinfônica na França, Inglaterra e EUA, chegando mesmo a ameaçar a expulsão do trompete para fora da orquestra (Tarr, 1980: 222).

¹ Trompetes naturais não possuem recursos para alterar a afinação; trompetes cromáticos possuem recursos extras para alterar o som. (idem ibidem).

² Trompas têm o tubo predominantemente cônico e bocal cilíndrico e trompetes tubo predominantemente cilíndrico e bocal em forma de taça.

³ Por válvulas entendemos qualquer mecanismo que possibilite a alteração instantânea no tamanho do tubo durante a execução musical, quer isto seja feito adicionando ou subtraindo-se uma porção do tubo através de êmbolos ascendentes, descendentes ou rotatórios. Para detalhes sobre a história e o funcionamento destes mecanismos ver Myer (1997: 115-130)

Trombetas, clarins, cornetas e pistões no Brasil

O que está relatado acima se refere ao que ocorreu na Europa e no EUA. No Brasil existem muitas evidências, mas pouca literatura a respeito. Aqui, no final do século XVIII e início do XIX, o instrumento que atualmente chamamos de trompete, ou melhor, trompete natural, não era conhecido por estes nomes. Na época utilizava-se trombeta ou clarim. Estes dois constam da segunda edição de 1789 do dicionário de Rafael Bluteau, que definia o primeiro como “instrumento de sopro, consta de hum cano de latão, ou prata, retorcido, e mais largo num extremo, que no que se applica a boca, serve na musica, e para fazer sinaes na guerra”. (1789, vol.2: 494-495) o segundo como “trombeta de som agudo, e claro” (1789, vol. 1:278).

Existem pelo menos duas imagens destes instrumentos feitas logo no início do século XIX. A primeira bastante famosa é a de 1804, é de Manuel da Costa Athaíde, no forro da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (MG). A segunda, de 1818, foi feita por Joaquim Gonçalves da Rocha, é encontrasse no forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Sabará (MG).



Trompetista retratado por Athaíde

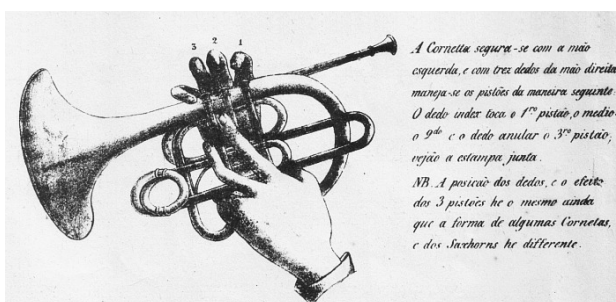
No século XIX, o termo *trombeta* tornou-se obsoleto, utilizando-se clarim para indicar o trompete, com deixa claro Vieira (1899: 567). É este termo que irá aparecer na pauta de alfândega⁴ de 1827, publicada na decisão n.58, de 18 de junho de 1827. Na lista estão mencio-

⁴ A pauta era lista de produtos importados feita pelo governo do império a fim de se cobrar os impostos sobre importação.

nados 48 itens contendo 33 tipos de instrumentos, brinquedos e acessórios musicais. No entanto, ela não estava completa pois, menos de dois anos após, foi publicada outra versão, no decreto de 2 de março de 1829, visivelmente mais completa e melhor organizada. Nela, a categoria de instrumentos musicais tinha nada menos que 71 itens num total de 39 produtos diferentes. Além do clarim, constam ainda a “corneta lisa” e a “corneta de chaves”. Prenunciavam-se aqui os problemas de nomenclatura que se estenderão século XIX afora.

No século XIX, três processos simultâneos modificaram profundamente a fabricação dos instrumentos de metais: o surgimento de novos instrumentos, a mecanização das manufaturas e produção de instrumento em escala industrial, e o aumento significativo do uso destes nas bandas de música (MYERS, 1997: 115).

Muitos destes novos instrumentos podem ser vistos nas fotografias produzidas entre ca. 1880 e 1940 que registram corporações por todo o Brasil. Embora exista um número bastante expressivo de material iconográfico a respeito não há nenhum estudo sobre esse tema no Brasil. Em tais fotografias pode-se observar uma enorme quantidade de instrumentos das mais diversas formas e tipos. Considerando que a Weril, tida como a primeira fábrica de instrumentos de sopro no Brasil começou a atuar somente em 1909, a única opção para a origem destes instrumentos era a importação ou dos EUA ou da Europa. Ao que tudo indica, a França era a origem mais comum dos instrumentos de sopro, acompanhando o mercado editorial, onde as obras francesas ocupavam grande parte do mercado consumidor, pelo menos no Rio e Janeiro.⁵ Um depoimento importante a este respeito está registrado no catálogo da Casa Cardozo, do Rio de Janeiro: “Conhecedores de muitos defeitos inerentes às diversas classes de instrumentos, resolvemos tratar em Paris a fabricação especial de muitos deles para a nossa casa” (1879: 21). Vale notar que o catálogo já estava na segunda edição, a primeira era de 1871.⁶



Pistom no método de Klier, designado como Cornetta

⁵ Ver o especialmente o capítulo 9 - O Repertório da Música como Negócio em Souza. (2003: 278-344).

⁶ A primeira edição é de 1871. O exemplar consultado pertence à seção de música do Museu da Inconfidência.

Mesmo antes, o comércio de instrumentos musicais já devia ser um negócio importante como se pode observar pela pauta da alfândega de 1864, anunciada pelo decreto n.2684 em 3 de novembro daquele ano, onde estão indicados mais de 100 itens de 54 produtos diferentes. Nela aparecem três tipos de clarins: 1) sem registro (para ordenança); 2) com registro, bocal e voltas; 3) a pistom ou bomba. Também são listados três tipos de cornetas: simples, de chaves e a pistom ou bomba.

Considere-se ainda que além dos instrumentos circulavam partituras de música impressa e obras teóricas (dicionários e manuais), e que estes se apresentavam tanto em língua estrangeira, especialmente o francês, como em traduções para o português. Nestas circunstâncias fica claro a origem grande variedade de termos indicar os instrumentos de sopro que hoje podemos ver grafados nos manuscritos de música. A tabela 1 contém a nomenclatura para trompetes e pistons em três dicionários do século XIX.

Tabela – Diferentes termos para Trompete e Pistom

	FETIS (1853)	VIEIRA (1899)	MACHADO (1909)
Trompete natural	Clarim (p.58)	Clarim (p.148)	Clarim ou Trombeta (p.31) Trombeta de Harmonia (p.257)
Trompete com chaves	-	Corneta com chaves (p. 148)	Corneta com chaves (p.31) Trombeta a chaves (p.257)
Trompete moderno	Clarim a pistom (p.59)	Clarim de pistões (p. 148)	Trombeta a pistom (p.257)
Pistom	Corneta a pistons (p.56)	Cornetim (p.189)	Corneta a pistom (p.31)

Assim fica claro que pistons e trompetes coexistiram no Brasil na segunda metade do século XIX, as partes manuscritas do hino *Maria, Mater gratiae* composto em 1864 pelo músico mineiro Emílio Soares de Gouveia Horta Júnior, deixa isto claro nos títulos das partes: “Clarim em fá” e “Cornette 1.º em si bemol” e “Corneta 2.º em si bemol”.⁷ Tanto este caso como no “*Méthodo para Cornetta, Clarim, Ou Saxhorn, de João Bartolomeu Klier*” (imagem 2) pode ser explicado pela influência do termo em italiano *cornetta*. Em

⁷ Manuscritos do Museu da Música de Marina cota: MMM-OP-ON C-2.

tempo, o que chamamos de pistom é conhecido em francês como *cornet à pistons*; em inglês *cornet* e em espanhol *cornetín*.

Conclusões

A importação de instrumentos trouxe ao Brasil uma grande variedade e diversidade de instrumentos de sopro. Trompetes e pistons ao terem os nomes traduzidos de outras línguas para o português produziram uma enorme diversidade de termos, muitas vezes confusos e conflitantes. Fica demonstrado que os termos pistom, ou corneta, em fontes musicais brasileiras do século XIX, não devem ser automaticamente atualizados para trompete, levando-se sempre em conta outras possibilidades. Também fica claro a importância do comércio de instrumentos musicais neste período, aspecto importante merecedor de maiores estudos a respeito.

Referências bibliográficas

BAINES, Anthony C., MYERS, Anthony. Cornet(i). In: Grove Music Online. [s. l.]: Oxford University Press, [2001]. Disponível em: <<http://www.grovemusic.com>>. Acesso em: 05 de novembro de 2002.

BLUTEAU, Rafael. Dicionario da Lingua Portugueza. Ref. e aum: Antonio de Moraes Silva. 2 vols. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

CARSE, Adam. Music Wind Instruments. Nova York: Da Capo Press, 1965.

Catálogo de instrumentos de música, cirurgia, dentista, óptica... de CARDOZO & Cia. 2. ed. Lisboa: Typographia Castro Irmão: 1879.

COLEÇÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional 1822 -

FETIS, François-Joseph. Manual dos compositores, directores de música, chefes de orchestra e de banda militar...Lisboa, 1853.

HERBERT, Trevor; WALLACE, John (Ed.). The Cambridge Companion to Brass Instruments. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HORNOSTEL, Erich M. Von, SACHS, Curt. Classifications of Instruments. The Galpin Society Journal, Hertfordshire, v. 14, p.3-29, mar., 1961.

HORTA, Emilio S. de G. H. Jr. Maria, mater gratiæ. (Edição: André Guerra Cotta). In: CASTAGNA, Paulo, FIGUEIREDO, Carlos A. (Coord.). Conceição e Assunção de Nossa Senhora. Belo Horizonte: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, 2002, p.197-230.

KLIER, João Bartholomeu. Methodo para Cornetta, Clarim, ou Saxhorn de 3 pistoes. MAINZ: B. Schott's Söhne: [s.d.].

LIBIN, Laurence. Organology. In: Grove Music Online. [s. l.]: Oxford University Press, [2001]. Disponível em: <<http://www.grovemusic.com>>. Acesso em: 22 de março de 2005.

MACHADO, Rafael Coelho. DICCIONARIO MUSICAL... Aug. por Raphael Machado Filho. Rio de Janeiro: B. L GARNIER, [1909].

MYERS, Arnold. Design, technology and manufactory since 1800. In: HERBERT, Trevor; WALLACE, John (Ed.). The Cambridge Companion to Brass Instruments. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.115-130.

NOGUEIRA, Lenita W. M. Museu Carlos Gomes: catálogo de manuscritos musicais. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

PONTES, Márcio Miranda. Catálogo de Manuscritos Musicais Presentes do Acervo do Maestro Vespasiano Gregório dos Santos. Belo Horizonte: FAPEMIG, UEMG, 1999. 2 CD ROM.

SOUZA, CARLOS E. DE A. E. Dimensões da Vida Musical no Rio De Janeiro: de José Maurício a Gottschalk e além, 1808-1889. 2003. Tese (Doutoramento em História) - Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2003.

TARR, Edward H. The Trumpet before 1800. In: HERBERT, Trevor; WALLACE, John (Ed.). The Cambridge Companion to Brass Instruments. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.94-102.

_____. Trumpet. In: The New Grove dictionary of music and musicians. London: Macmilan, 1980. v. 11, p. 211-25.

VIEIRA, Ernesto. Dicionario musical contendo todos os termos technicos... 2ª ed. Lisboa: Lambertini, 1899.